

MANUEL VIEGAS GUERREIRO

LEGADO DO PROFESSOR
MANUEL VIEGAS GUERREIRO

*Etnografia e Geografia:
Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro*

I — *Primórdios da Etnografia e Etnografia Portuguesa*

A Etnografia é ciência recente, da segunda metade do século XIX. O vocábulo só aparece em fins do século XVIII ou princípios do XIX, para inicialmente se aplicar à classificação das raças do globo, com fundamento em caracteres linguísticos e de cultura material. Só depois viria a significar a ciência que referimos. É evidente que notícias de costumes, uma etnografia antes da Etnografia, sem objecto bem definido nem específica metodologia de pesquisa, vêm de muito longe, dos primeiros homens que se interrogaram sobre sua origem e destino, sobre a proveniência de seus modos de vida e técnicas, que manifestaram curiosidades pela vida alheia, contando-a por a acharem estranha, quando não para zombarem dela: um povo aludindo aos costumes de outro povo.

É ainda da Grécia antiga que nos chegam os primeiros documentos escritos de feição etnográfica. Heródoto, que viveu no século V antes de Cristo, descreve os costumes dos povos com os quais os Gregos estiveram em guerra: Egípcios, Assírios, Persas, Citas. Em suas *histórias* se associam relatos geográficos, etnográficos e históricos, e se há quem lhe chame o pai da História, do mesmo modo lhe conviria o epíteto de pai da Etnografia. E cremos que os geógrafos têm igualmente nele um dos seus precursores.

Mas foi com a Geografia e, sobretudo, integrada nela que na antiguidade e até tarde viveu a etnografia. Ao geógrafo não competia apenas a descrição dos lugares, mas dos povos e de seus costumes. Era, entenda-se, uma Geografia descritiva, regional, que teve em Estrabão (63 a.C., 19 d.C.) um dos seus cultores mais notáveis e influentes. Escreve-se que tomou Heródoto por modelo e quem sabe quanto ele ficou devendo a Possidônio e Artemidoro que frequentemente aproveita e cita e cujos escritos desapareceram.

Parece, no entanto, dever-se a Ptolomeu a classificação das ciências geográficas que veio a adoptar-se no mundo ocidental, do Renascimento por diante e nomeadamente em Portugal, cuja contribuição neste domínio, mercê dos descobrimentos, sobrelevou a da restante Europa.

Geografia era para Ptolomeu a ciência geral, a que estudava toda a terra ou uma grande parte dela, a situava com matemática exactidão no universo; a Corografia era filha menor, uma como *ancilla Geographiae*, ao serviço da Geografia, a descrição de um lugar, de uma pequena parte do orbe terrestre, que exigia *pintura* e dispensava o rigor da matemática: «...ho fim do Corographo consiste em representar bem hũa parte: como quem quisesse somente arremedar hum olho ou hũa orelha. E o Geographo olha somête ao todo: como quem pinta a cabeça. ...E portanto na corographia há necessidade da pintura dos lugares: e nenhũ homem sera Corographo: se não for pintor...» (1). Por outras palavras: a Geografia dividida em Geografia Matemática ou Cosmografia e Geografia Descritiva ou Corografia.

São, entre nós, numerosas as corografias e escritos de índole corográfica, embora lhes dêem outros nomes (Geografia, História, tratado, descrição), que se vão publicando do século XVI ao XIX, tendo perdido, no entanto, na época barroca, a cor local, a individuação, o pitoresco que as caracterizava. Leiam-se a este respeito as pp. 49-54 do mencionado estudo de Magalhães.

De assinalar dois excelentes cultores do género: Fr. João de S. José e João Baptista da Silva Lopes, cada um dos quais escreveu uma *Corografia do Reino do Algarve*, a primeira com a data de 1577 e a segunda de 1841 (2).

Quem quiser escrever uma história da Etnografia Portuguesa terá de consultar, necessariamente, os textos corográficos, o que não significa que em outra matéria literária, científica ou de ficção, se não encontre abundante informação. Mas o acervo de elementos culturais que estas fontes de investigação proporcionam não constitui, é evidente, uma ciência da Etnografia. Esta só começa, propriamente, com Leite de Vasconcellos. E vamos dizer porquê.

II — Leite de Vasconcellos e a sua Etnografia

Etnografia é descrição da cultura de um grupo social, do mais pequeno ao maior, da simples célula familiar à nação, e quem diz cultura não esquece que material e espiritual, o simples utensílio e a mais complexa instituição. E como há-de descrever sem observar, sem comunicação directa com o povo que se quer estudar, sem trabalho de campo, em suma? E o trabalho no terreno implica métodos e técnicas que são eles próprios Etnografia, posição que define atitudes de investigador e investigado, conceitos, juízos de valor, situações em si etnográficas, totalidades significativas.

Praticar uma Etnografia de gabinete, interpretar, concluir sobre informações de segunda mão é incorrer, forçosamente, em erro. A matéria factual, de que tem de partir toda a teoria etnográfica, deverá ser tão exacta quanto possível e essa captação ou aproximação da realidade só a pode dar a comunicação directa, o convívio com as populações, senão a quase integração no agregado social em estudo. Os dados colhidos por outro, em regra metodologicamente impreparado, carecem da exactidão exigida e trazem, por outro lado, a marca da personalidade que os obteve. Outro perigo maior é ainda a avaliação de dados fora do seu contexto; só neste é compreensível sua função e dele está ausente o investigador de gabinete. E mais: verificação, que se torne indispensável, obriga a exame no lugar e a moderna Etnografia não dispensa também a explicação que o povo observado dá de seus modos de vida, a imagem que de si próprio configura.

Ora ninguém antes de Leite de Vasconcellos praticou rigorosamente a Etnografia. Quando o moço aldeão da Ucanha ouvia, à beira do Barosa, da boca das mulheres da sua terra cantigas e mais cantigas e se metia a estudar o mundo rural que o cercava, predominava ainda na Europa o trabalho de gabinete, a utilização do facto apurado por outrem. «Para escrever uma *Etnografia Portuguesa* importa, primeiro que tudo, submeter à observação directa e imediata a terra e o povo...» escreve no primeiro volume da sua *Etnografia*, p. 27, publicado em 1933. E acrescenta: «Observar é sempre, sem dúvida, o melhor método» (3). E foi assim que «...percorreu todas as províncias do Continente, em várias direcções, a mor parte da linha das fronteiras e algo da Madeira e dos Açores; esteve em todas as cidades do Continente e das Ilhas Adjacentes... andou por muitas vilas, aldeias e aldeolas... Com o intuito de melhor observar o povo tratou com todas as classes, caçadores, pescadores, pastores, agricultores, jornaleiros, industriais, gente inculta e gente culta, padres, militares, enfim, com pessoas de muitas condições e idades» (4).

Na averiguação dos factos e sua confirmação usava de paciência sem limites. A uma criada minhota de Barca de Alva, a Chica, fez repetir vezes sem fim palavras terminadas em *ão*: *colchão*, *pão*, *mão*. Ouvi isto um dia, e, em semana seguinte, a Chica tornava ao officio. E do mesmo modo o vi conversar com o tio Torrado, de Barrancos, aos 83 anos, quando estudava o dialecto barranquenho. E com esta idade toda ainda em Barrancos passava férias em pesquisa de campo.

Precederam-no, no tratamento de matéria etnográfica, Teófilo Braga e Adolfo Coelho, mas nem um nem outro se applicaram, rigorosamente, a trabalho de campo. E por isso mesmo o primeiro se emaranhou em um mundo cerrado e confuso de teorias e o segundo, com argúcia e profundidade intelectual e ampla informação bibliográfica, não pôde ir além de um bom definidor de conceitos. Mas eu não quero, com isto, diminuir o préstimo da contribuição destes dois mestres, que deram, pela primeira

vez, na nossa terra, um tratamento científico à matéria de que tratam. Mas insisto: etnógrafo, o primeiro no seu tempo, e nenhum mais do que ele, depois, foi Leite de Vasconcellos.

À importância que atribuiu ao trabalho de campo, e já referida, juntou mesmo normas para a sua realização, nesse primeiro volume de introdução à sua monumental *Etnografia* (5).

E nem no plano teórico foi inferior aos seus contemporâneos e quero aqui afirmar que nacionais e estrangeiros. Acompanhando o desenvolvimento que lá fora tomava a ciência que cultivava e reflectindo muito sobre os factos que registava, pôde Leite de Vasconcellos elevar-se a uma definição de Etnografia que não teve par no seu tempo e ainda hoje, em grande parte, actual. Como, então, o não se celebrarem estas virtudes, enquanto se avolumam outras de estranha origem? Estão os de cá mais preocupados com a fama que lhes podem dar os vários estruturalismos da moda, e de olhos fechados ao que em sua casa se tem passado. Mas não será muito de estranhar também isso em especialistas de raiz estrangeira. De um sei eu que ficou deslumbrado com a descoberta dos nossos antropólogos e designadamente de Adolfo Coelho. É um reconhecimento tardio, posto que louvável. Quanto aos estranhos que admira que não aproveitem da nossa investigação e a não exaltem em suas histórias das Ciências Humanas, se, infelizmente, não sabem nem curam de saber a nossa língua? A um conspícuo antropólogo brasileiro ouvi eu há poucos anos que *a língua portuguesa é o túmulo do pensamento*, asserto desgraçadamente exacto.

Mas tornemos à definição de Etnografia de Leite de Vasconcellos, desenvolvida no cap. I do 1.º volume da *Etnografia Portuguesa*. Logo a abrir a perfeita caracterização do conteúdo da Etnografia: o comportamento padronizado e peculiar de um determinado grupo social, a sua cultura, numa palavra, própria ou importada e tomando feição típica no todo em que se integra, produto directo ou indirecto da psique. E enquanto na Europa, e de modo geral, se designava de *Folklore* o estudo dos povos europeus e de *Etnografia* o dos ditos primitivos, acabou o Dr. Leite com esse conceito etnocêntrico, chamando *Etnografia* à ciência que cultivava, quer se tratasse de «primitivos» ou de «civilizados». *Folklore* era para si uma parte da Etnografia, em que se estudavam as tradições populares. Quando, na Europa, ainda era corrente a doutrina de que o *Folklore* se estudava exclusivamente nas classes populares, já o nosso mestre alargava a todo o povo, a todas as classes, o âmbito dessas pesquisas. E num tempo em que campeava o evolucionismo unilinear, em que a cultura quase só se explicava pela invenção independente, esclarecia o Dr. Leite, na «Introdução» às *Tradições Populares de Portugal*, pp. VIII e IX (1882), que as tradições, em sua máxima parte, se deviam à «transmissão de povo a povo». E, sobre isso, foi igualmente capaz de elaborar uma ainda hoje aceitável classificação de ciências antropológicas, com base na que sabia-

mente urdira Adolfo Coelho: uma *Etnologia* dividida em *Etnogenia* ou ciência das origens, *Etnografia*, com as subdivisões de território e povo, *Folklore* e *Ergografia* (vida material) e *Etnologia Geral* ou parte das conclusões. Divide também a Etnografia em *descritiva* e *comparativo-genética*, ocupando-se a última da origem e difusão dos fenómenos culturais. Em seu âmbito se situam trabalhos seus como *A Figa*, *Signum Salomonis* e *A Barba em Portugal*. É, no percurso antropológico, uma fase já de síntese, correspondente à *etnologia* de Lévi-Strauss (6). Não se avolumava ainda no horizonte da Antropologia a terceira e última fase de síntese dos estudos antropológicos, apoiada nos resultados da Etnografia e Etnologia e tendente «a descobrir as propriedades gerais que caracterizam toda a vida em sociedade» (7), que hoje apelidamos de Antropologia Social e Cultural.

«Aspiração de grande parte da minha vida foi tirar a lume um tratado geral de Etnografia Portuguesa, sequer com o subtítulo de “tentame”», lê-se na «Prefação» do 1.º volume. Os materiais de que carecia para a redigir foi-os acumulando ao longo de 60 anos e organizando planos para os aproveitar. Sempre os achava insuficientes para a grande síntese que concebera. Vendo que a vida não dava para tanto, lança-se à composição da obra, quando já tinha 70 anos, abrindo mão de exigências que o mortificavam, quer de plano, quer de informação, e já sem esperança de atingir «a interpretação e origem histórica dos fenómenos». Resignava-se, pois, a classificar os materiais e a dispô-los para a síntese, publicaria um *corpus* da nossa Etnografia que abrangeria «o complexo da vida tradicional portuguesa desde a Idade Média». Alcançou mais e menos do que isso: mais, porque a estrutura dos volumes que viu publicados — os três primeiros — iam além do modesto anúncio de simples publicação organizada de materiais, e menos, porque nem sequer pôde ocupar-se do povo e de seus costumes, da matéria propriamente etnográfica. Não ficou, contudo por aproveitar a mole imensa dos dados que recolheu. Com ela se publicou o 4.º volume sobre o povo, saíram o 5.º, 6.º e 7.º sobre vida tradicional e espera-se que com mais dois volumes se complete a publicação.

O plano quase definitivo, que lhe saiu das mãos, não tem paralelo na Etnografia Portuguesa e digo mesmo europeia. Nenhuma manifestação da vida tradicional ficou de fora e não o damos aqui por sua excessiva dimensão; consulte o leitor os volumes publicados.

Nos escrúpulos que o detiveram na execução da sua obra só encontro equivalência nos que impediram Boas de se abalarçar à interpretação definitiva dos fenómenos da cultura. Ambos buscaram afanosamente reunir factos que estavam em riscos de se perderem, ambos temeram arriscar juízos que se não fundassem em documentação suficiente. Que belo exemplo de continência, de moderação, de honestidade. Apesar disso, a um e outro se repreende uma tal hesitação, tida por excessiva. Escrúpulos

entendo eu que faltaram a alguns dos seus contemporâneos e hoje moeda corrente nestes moços antropólogos que andam já buscando o absoluto antes de se situarem no mundo do relativo, filosofando mais que construindo ciência, se não estou ofendendo a Filosofia. Caminham pelo ar como as figuras dos quadros chineses a que falta a terra.

Facto biográfico curioso: Franz Boas e Leite de Vasconcellos nasceram no mesmo mês e ano — Julho de 1858, o primeiro a 9 e o segundo a 7.

É escusado dizer que os escritos etnográficos de Leite de Vasconcellos se não limitam aos volumes citados. Enquanto preparava a obra definitiva publicou *Tradições Populares de Portugal, Ensaios Etnográficos, História do Museu Etnográfico, Ex-libris Tradicionais*, os volumes de Etnografia genético-comparativa já referidos, para só citar obras maiores.

III — *Etnografia e Geografia Humana*

Dissemos que a matéria etnográfica viveu incorporada na Geografia até muito tarde, que o estudo de povos e costumes era officio de geógrafos. E o curioso é que, mesmo depois de assumida como ciência independente, uma parte de si própria se não queria separar da Geografia que, de descritiva, só viria a tornar-se explicativa e, portanto, científica — a moderna *Geografia Humana* — também na segunda metade do século XIX. Ainda no 10.º Congresso Italiano de Geografia, realizado em 1927, o professor Gino Algranati propunha se separassem da Geografia assuntos como superstições, agricultura, caça, pesca e navegação, admitindo lhe continuassem adstrictos vestuário, tradições muito localizadas e formas típicas de habitação. E Van Gennepe, que isto refere, toma posição radicalmente oposta, e, considerando que o domínio da Geografia era o estudo da terra, que a Geografia Humana teria necessariamente de partir dela para explicar as obras humanas e que o homem agia na natureza sem dela depender, achava insólito que para entender «a civilização material e artística» se partisse da terra e não do homem, por outras palavras, que a Geografia Humana tomasse para si a explicação da cultura (8).

Estranha posição é esta em um dos grandes mestres da Etnografia francesa.

São, de facto, íntimas as relações que a Etnografia mantém com a Geografia Humana. Busca esta descrever e interpretar o que na terra é obra do homem, as formas humanas da paisagem. E as obras do homem que são senão cultura, que é o objecto da Etnografia? Aqui se encontram as duas ciências em face de um tema comum: em que medida se poderão ajudar na compreensão dos fenómenos que ambas estudam? Se aceitássemos o simplismo do determinismo geográfico, se o homem não fosse mais que argila nas mãos da natureza, como queria Huntington, ou um produto da

superfície da terra, como assegurava Ellen Semple, então não teria a Geografia muito que aproveitar da Etnografia. Mas os fenómenos da cultura são muito complexos, múltiplas as causas que os explicam: psicológicas, económicas, históricas; quem poderá medir exactamente até onde se exerce a influência do meio cultural ou social no diversificado tecido de sua actuação? Vive cada sociedade no ambiente físico em que se implanta de acordo com os recursos técnicos de que dispõe e com os que a natureza lhe proporciona, mas não sabemos nunca de que modo os utilizará, pois há também que ter em conta que entre os homens e a natureza se interpõe a representação que cada grupo social tem do espaço que o envolve. Tudo isto postula a necessidade que o geógrafo tem do contributo de outras ciências tanto físicas como humanas e sobretudo de estas, especialmente da Etnografia, que é, em nosso entender, a mais compreensiva delas. Apenas o etnógrafo pode, com efeito, achar as motivações sociais que explicam certos fenómenos aparentemente só relacionados com o quadro natural.

E como há-de, por outro lado, o etnógrafo dispensar o auxílio do geógrafo, se por tantos modos e tão subtilmente, por vezes, o ambiente físico está presente na cultura? Com os instrumentos de pesquisa de que dispõe só o geógrafo sabe descortinar certas relações de causa e efeito nas influências do ambiente físico sobre a cultura. Podem dar-se dois exemplos desta frutuosa colaboração: não seria fácil ao geógrafo explicar suficientemente a morfologia de aldeias dos índios Pueblos do Estado do Arizona, em que «as casas se distribuem de acordo com as classes totémicas às quais pertencem os habitantes» (9), e do mesmo modo propenderia o etnógrafo a explicar por difusão as aldeias em linha, de Quebec, ocorrendo-lhe análoga distribuição das que se vêem nas montanhas alemãs. Ora os colonos canadianos vieram sobretudo do oeste da França onde não prevalece este tipo de povoamento. O que aconteceu foi que o desbaste da floresta aconselhava a formação de fazendas rectangulares, com um dos lados menores mordendo a estrada, ao longo da qual se iriam implantando as habitações (10).

IV — *Orlando Ribeiro e a Geografia Humana*

Teve a Etnografia em Portugal um mestre eminente que foi Leite de Vasconcellos, mas não ficou mais pobre a Geografia com Orlando Ribeiro, mestre excelente, sem paralelo entre nós conhecido e apreciado lá fora, aonde tem levado a profundidade do seu saber e o fascínio da sua palavra.

Asseverámos que não há Etnografia sem trabalho de campo e que, nesse sentido, Leite de Vasconcellos foi o nosso primeiro etnógrafo. E que dizer da Geografia? Havê-la-á sem o praticar? Quase se pode afirmar que do mesmo modo Orlando Ribeiro foi e é o nosso primeiro geógrafo. Antes

dele podem citar-se o caso de Amorim Girão e o fugaz mas significativo exemplo de Vergílio Taborda. Se Amorim Girão abriu esse caminho, não o introduziu, porém, na regular metodologia do seu ensino. Na escola de Coimbra o professor de saco aviado, subindo e descendo montes com seus alunos, só Orlando Ribeiro. Do ensino de Lisboa, onde se formara, escreveu este professor que «era inteiramente teórico e verbal. Nunca fizemos uma excursão, nunca vimos um mapa de grande escala» (11). Um candidato a doutor vi eu a ser interrogado como menino de instrução primária, a quem se perguntava pelos nomes de pequenos acidentes geográficos, situados remotamente no Alasca. E aqui, sobre a incumbência crescia a intenção maldosa de *estender* o doutorando.

Lisboa teve a sua Geografia Humana autêntica com Orlando Ribeiro. Renovaram-se métodos e atitudes em face da ciência da terra e do homem e, mais do que isso, criou-se uma verdadeira escola — a Escola de Geografia de Lisboa, que o mundo científico conhece e prestigia. Saía-se frequentemente para o campo sem olhar ao cariz do tempo, em marchas por vezes penosas, com chuva que encharcava o corpo. Mas ninguém cedia no encalço do mestre, que tanto convencia pelo saber como atraía pela familiaridade do convívio. Subia-se das profundezas da terra à morfologia da superfície e daí se passava à descrição e interpretação das paisagens, e, de caminho, não se perdia uma igreja ou edifício monumental que nos falasse do passado minuciosamente explicados. Geografia e História davam-se as mãos, em discurso como nunca ouvimos outro, tão eloquente como emocional, afectivo, singelo, desprezioso. Estudioso de uma ciência afim, não havia excursão que eu perdesse, e nem se excluía tampouco curiosos de saber que de nós se avizinhassem na Faculdade.

É com saudade que evoco também a travessia da serra da Arrábida, de Azeitão ao Portinho, com estação obrigatória no convento, quando Orlando Ribeiro preparava a sua tese de doutoramento. De sacola às costas e martelo em punho, aqui quebrando uma pedra, acolá examinando um seixo, lá íamos serra acima, falando de tudo e até do Materialismo Histórico que já nessa época era moda defender e contestar, na Faculdade. Depois, diante do santo de boca encadeada e cilícios remissivos, tempo de meditação.

E ainda aqui a notícia de uma viagem de estudo que fizemos à serra de Monchique. Alugados na vila dois burros e um guia, abalámos para a Foia. Os burros e o moço ora atrás ora adiante de nós a pé, o mestre fazendo matéria de tudo quanto via, dos acidentes do terreno aos modos de vida e formas de povoamento. Do cimo da Foia pelo Barranco dos Pisões até à estrada principal. E de casa em casa, de moinho em moinho, nos foram enchendo de viático e sobretudo de aguardente, da sua aguardente sempre a melhor, ritualmente obrigatória, que nos ia tomando conta do corpo. E os burros adiante e os burros atrás e nós sempre a pé até Monchique.

Alongavam-se as sombras da tarde e mesmo assim, o corpo cansado, nos metemos a caminho das Caldas, por trilhos e a corta-mato, da Picota à pensão do Fernando, aonde chegámos à meia-noite, depois de penosas horas de marcha, em que até nos perdemos, mais mortos que vivos, mas não tanto que nos não regalássemos com uma soberba refeição. Trabalho de campo e trabalhos de campo foi o que nesse dia tivemos.

Era um regalo vê-lo conviver com o povo, com o «bonito modo» que este tanto aprecia, simples sem afectação, convivente sem esforço. Aonde quer que se demorava, deixava saborosa lembrança. Fomos um dia ao mar, à pesca da sardinha, ao largo de Portimão, e foi o bastante para nunca mais ser esquecido pelo mestre José Estêvão, que levou anos a perguntar-me pelo Doutor Orlando.

Tem percorrido o país de lés a lés. Poucas aldeias haverá onde não tenha estado. Nem Pitões lhe escapou, perdida nos confins do Barroso. Mais andarilho ainda que Leite de Vasconcellos e parece que nisso só com ele emparceiram Jorge Dias e Carlos Teixeira.

Este saber que os factos dão, servido por robusta informação teórica, permitiu-lhe situar-se no plano dos grandes senhores do pensamento geográfico e com eles discutir os problemas da sua disciplina. Não serei eu, modesto estudioso de Etnografia, que me ocuparei do que concerne ao geógrafo físico nem de muitos aspectos da sua obra de geógrafo humano. Limitar-me-ei a pôr em realce sua contribuição para o esclarecimento do problema central da Geografia Humana que é o das relações do homem com o ambiente físico, comum ao domínio que estudo.

Posto entre a História e a Geografia, foi a lição de Vidal de La Blache que o fez decidir pela Geografia. Tinha no grande geógrafo francês o modelo adequado à sua vocação de historiador e naturalista, de apaixonado observador da natureza e das obras humanas que nela o homem inscreve. Teve depois a fortuna de seguir em Paris o ensino de De Martonne e Demangeon, discípulos de La Blache, mas nem toda a influência francesa, tão acomodada à sua particular visão do mundo, foi bastante para que seguisse, sem reservas, a doutrina possibilista com que La Blache renovara, em França, o ensino da Geografia Humana. Reduzido ao essencial, o possibilismo pode talvez resumir-se do seguinte modo:

- O meio não determina o comportamento dos homens.
- A natureza oferece soluções várias e estes escolhem a que mais lhes convém, em conformidade com sua tradição histórica, escolha em que também se não exclui nem a capacidade criadora do homem nem a efectiva presença do ambiente. E tão complexas são as condições em que tudo se passa, que «De facto tudo o que toca ao homem é ferido de contingência». Mas de qualquer modo «o homem desempenha cada vez mais o papel de causa e não de efeito».

Opondo-se a este possibilismo, outro notável representante da Geografia francesa, Pierre Gourou, defende que «o que conta para a explicação geográfica são as possibilidades oferecidas pelas técnicas de que dispõe o grupo humano estudado. As possibilidades são do homem e não da natureza: elas são dadas ao homem pela civilização a que pertence» ou, por outras palavras, a civilização é «a chave da explicação geográfica». Estamos em presença de um outro tipo de determinismo, este das técnicas, que não tem em conta a vontade do homem e quase esquece a existência do ambiente natural.

Vejamos, então, de modo também sumário, que posição assume Orlando Ribeiro neste discutidíssimo problema.

A singularidade da sua posição consiste na persistência com que acentua a importância do ambiente físico na explicação geográfica, sem que, com isso, fique prisioneiro de qualquer espécie de determinismo. Dá, por outro lado, especial relevo ao passado, à História na compreensão do presente, sem menosprezar igualmente, no processo, o papel do homem, o poder da sua vontade, a força do seu génio criador.

Mais esclarecedores do que as minhas palavras são, a este respeito, os textos que passo a transcrever:

1. «...o homem para ser compreendido precisa de colocar-se no seu ambiente natural; como as plantas e os outros animais sofre a influência dele, sujeitando-se ou reagindo. Faz parte de uma sorte de biosfera que envolve o globo e embora pensante e dotado de meios de acção incomparáveis, o seu comportamento e as suas obras hão-de explicar-se em larga parte pelo ambiente em que vive... (12). Só ele condiciona certas formas de actividade. O nomadismo pastoril é inseparável de longos espaços abertos à deambulação dos rebanhos, a utilização das magras ervagens da periferia dos desertos só se concebe com o apoio dos poços e dos oásis. Mas os desertos não "sugerem" e muito menos "determinam" qualquer modo de vida. O mais vasto de todos, na margem de civilizações superiores, foi penetrado pelos homens e pelas técnicas que as caracterizam; os desertos de Kalahari, do oeste dos Estados Unidos ou da Austrália permaneceram como áreas hostis e impenetráveis, porque nem os Bochimanes nem os Índios, nem os Australianos domesticaram gado e animais de transporte, nem sabem utilizar a água em culturas e muito menos inventaram (ou receberam de outros povos próximos) maneiras de obter caudais abundantes» (13).

2. «Le présent provient du passé» é o princípio que não esquece. E vão os seus receios para uma Geografia que o não tenha em conta: «Le refus de l'Histoire constitue l'une des hérésies de la pensée géographique actuelle». E conclui: «...com tudo o que aprendi, continuo a pensar que, sem uma profunda indagação do passado, a visão da maior parte dos factos da Geografia Humana permanece superficial e incompleta» (14).

3. «Ciência natural pelo método e pelo objectivo, a Geografia conduz-nos a considerar insensivelmente a primeira personagem do cenário da Terra: o Homem. Mas um homem real, em carne e osso, com as necessidades fundamentais que o fazem depender dos lugares onde vive, com o engenho que o leva a melhor os aproveitar, com a ambição que verga o mundo à sua férrea vontade, com a fragilidade perante as grandes forças da natureza. Assim uma espécie de rei da criação numa monarquia liberal; escravo da Terra e ao mesmo tempo seu senhor!» (15).

A força com que confirma, actualiza, concretiza as ideias de Vidal de La Blache e delas, em parte, se desvia, vem-lhe, repitamos, da profunda análise a que tem sujeitado a realidade da sua terra e do vasto mundo que conhece. Essa mesma via lhe robusteceu sua interpretação histórica dos fenómenos: «...era como uma maneira de *ver* e *sentir* o que da história persistiu até nós...» (16) e confirmava-o na «...convicção de que a paisagem é quase sempre um produto do passado» (17).

Observando, confrontando, concluindo, sem se filiar em nenhuma escola, tirando dos factos a lição que objectivamente podem dar, no seu decurso espacial e temporal, pôde Orlando Ribeiro, a um tempo, renovar a teoria geográfica e construir uma obra sólida. Só assim lhe foi possível, não me canso de insistir, conceber e redigir esse admirável livro de síntese que é *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, a que modestamente chama *esboço*: «Foi sobre mais de dez anos de viagens e meditações que, utilizando principalmente os meus próprios materiais, tentei um *esboço* de síntese das relações geográficas do nosso território em *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*» (18).

E das mesmas fontes têm brotado, com feição idêntica, os numerosos escritos de reflexão com que tem enriquecido a nossa e a bibliografia geográfica internacional.

V — *Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro*

Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro, dois mestres e fundadores de dois dos ramos das ciências humanas em Portugal. Sendo ainda contemporâneos, cultivando ciências tão intimamente relacionadas, é de supor se tivessem conhecido e convivido. E isso aconteceu, com proveito para ambos. O moço estudante de 19 anos levava à casa do Mestre, já aposentado, um auxílio generoso e materialmente desinteressado; aquele aceitava-o, reconhecido, com a consolação de lhe poder dar algum saber e conselhos. «Aprender uma coisa, ensinar outra e fazer algum bem», queria que constituísse o programa de cada um dos seus dias, em que igualmente deveria escrever pelo menos uma linha. «Hoje nem uma linha escrevi», dizia-me desconsoladamente. Qualidades humanas em Orlando exuberan-

tes e em Leite contidas, mas poderosas, converteram um primeiro e formal contacto em amizade profunda que não se distanciava muito da que nutrem entre si pais e filhos extremosos. Era com grande afecto que se referiam um ao outro. Lembro-me de uma vez ter ouvido ao Dr. Leite: «Estou em cuidados com o Orlando, anda magrito, não está nada bem».

À oficina de erudição que era a casa do Mestre ⁽¹⁹⁾ ia Orlando buscar factos humanos indispensáveis à explicação geográfica. Sabia, «de ciência certa», tal como Daryll Forde, um outro notável geógrafo de nacionalidade inglesa, com quem pessoalmente trata, que «O geógrafo que desconheça a cultura do povo que habita o território que estuda ou não está versado nas lições que a Etnologia pode dar-lhe, encontrar-se-á andando às cegas, logo que comece a considerar as principais fontes da actividade humana, por causa de factores geográficos cujo significado ele não pode valorizar adequadamente. A Geografia Humana exige um conhecimento tão profundo da humanidade como da Geografia» ⁽²⁰⁾. E mais do que isso: disciplina de trabalho, um amor apaixonado da ciência, que converteria em profunda razão de viver.

E Leite, que achou no discípulo? Um auxílio pronto e eficiente, primeiro em coisas miúdas com que media forças para mais alto emprego, depois em trabalhos de qualidade que cedo lhe pôs as mãos, seguro de suas excepcionais aptidões intelectuais. Ajudou-o na feitura dos volumes da *Etnografia* e de vários modos de que são exemplo a elaboração de índices, a recomposição das páginas perdidas do volume III, que Leite, parco em elogios, agradece nos seguintes termos: «...devendo menção especial ao Doutor Orlando Ribeiro, que, com inexcusável afecto se encarregou espontaneamente de organizar o índice alfabético das matérias, o qual lhe saiu da pena tão bem ordenado e tão minucioso, tendo-lhe causado ao mesmo tempo fadiga enorme» («Prefação» do volume II, Julho de 1936); «Orlando Ribeiro, doutor em Ciências Geográficas, havendo-se extraviado o que vai de pp. 735 a 742 do vol. III ajudou-me a recompô-lo com as notícias que me tinham ficado avulsas e outras que se redigiram na ocasião» («Prefação», Abril de 1941).

Acompanhou-o em trabalhos de campo pela Beira, por Trás-os-Montes, onde também recolheu dados para a obra leitiana e nomeadamente espécimes de literatura oral, com o cuidado e o rigor que o Mestre exigia. E de não menor valia igualmente os mil modos por que a amizade serve a amizade e especialmente o calor humano com que quebrava a amarga solidão daquela casa de Campolide.

Viveu o Dr. Leite entre muitos, mas com poucos se achou nesse último trânsito da vida. Mas Leite de Vasconcellos não morreu no espírito do discípulo. Fiel a suas vontades, por todos os meios diligenciou executá-las, como seu testamenteiro. Grande lástima foi, porém, que no exercício dessa função se tenha encontrado só, já que a morte levava Abílio Roseira,